

ROTEIRO DE ESTUDO/ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR

UME:EDMEA LADEVIG

ANO:8° A, B, C e 9° A, B.

COMPONENTES CURRICULARES: ARTES, EDUCAÇÃO FÍSICA, ENSINO RELIGIOSO, HISTÓRIA, GEOGRAFIA, INVESTIGAÇÃO E PESQUISA LÍNGUA PORTUGUESA, MATEMÁTICA,

PERÍODO DE 18/05 A 02/06/2021

Aluno: _____ Nr. _____ Ano _____

Caro estudante, neste trimestre, o tema das atividades interdisciplinares será "Os Oceanos". A Organização das Nações Unidas (ONU) designou o período de 2021 a 2030 como "Década da Ciência Oceânica" e a Década Internacional da Oceanografia para o Desenvolvimento Sustentável, período. Essa iniciativa visa ampliar a cooperação internacional em pesquisa para promover a preservação dos oceanos e a gestão dos recursos naturais de zonas costeiras. As ações desse decênio serão lideradas pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura), e estão contempladas na Meta 14 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela ONU: "Conservar e usar de forma sustentável os oceanos, mares e recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável".

Preste bastante atenção ao ler os exercícios para entender de que matéria você está respondendo.

8°S ANOS A, B, C: PARA REALIZAR AS ATIVIDADES PELO GOOGLE FORMULÁRIO, ACESSE O LINK: <https://forms.gle/BwZHckgG32gSEvY48>

9° ANO A, B: PARA REALIZAR AS ATIVIDADES PELO GOOGLE FORMULÁRIO, ACESSE O LINK: <https://forms.gle/mkY8Y4pDPp5vexqx6>

ARTES:PROFESSORA VALÉRIA FERNANDES FRANCISCO.

FAROL

O primeiro farol de que se tem registro é o farol de Alexandria, construído em 280 a.C. na ilha de Faros. Era uma torre, toda de mármore branco, em cujo topo se acendia um facho quente à noite. Com altura de 65 metros, era considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo e deu nome a todas as torres posteriormente construídas com o mesmo fim.



Farol de Alexandria

O termo *farol* deriva da palavra grega *Faros*, nome da ilha próxima à cidade de Alexandria, onde foi erigido o *farol de Alexandria* – uma das *sete maravilhas do mundo antigo*. *Faros* deu origem a esta denominação em várias línguas românicas; como em francês (*phare*), em espanhol e em italiano (*faro*) e em romeno (*far*).

Para saber mais sobre o farol de Alexandria acesse o link: <https://marsemfim.com.br/o-farol-de-alexandria/>

Utilizados desde a Antiguidade, quando eram acesas fogueiras ou grandes luzes de azeite (de oliveira ou de óleo de baleia), os faróis foram concebidos para avisar os navegadores que estavam se aproximar da terra, ou de porções de terra que irrompam pelo mar adentro. Os antigos romanos construíram diversos faróis ao longo do Mediterrâneo, Mar Negro e até o Oceano Atlântico.



As fontes de alimentação da luz foram melhorando, tendo sido o azeite substituído pelo petróleo e pelo gás, e posteriormente pela eletricidade. Paralelamente, foram inventados vários aparelhos óticos, que conjugavam espelhos, refletores e lentes, montados em mecanismos de rotação, não só para melhorar o alcance da luz, como para proporcionar os períodos de luz e obscuridade, que permitiam distinguir um *farol* de outro.



Faróis ao pôr do Sol perto de Génova, Itália



Farol de Morro-Cabana em Havana, Cuba



Ondas rebentando contra o farol na cidade portuária de Les Sables-d'Olonne, França

Além da importância dos faróis para a navegação pelos oceanos, eles inspiram a expressão artística, em diferentes linguagens.

A composição "O Farol", obra da pintora Anita Malfatti, situa-se entre as suas obras mais conhecidas, apesar de suas discretas dimensões: 46,5 x 61



A tela foi pintada na ilha de Monhegan, entre 1915 e 1917, na costa leste dos Estados Unidos, ao ar livre, quando Anita foi aluna do professor Homer Boss, que permitia que seus alunos se expressassem com liberdade, espalhando-se pelo local.



Aprecie uma bela animação, que revela sentimentos, tendo um farol como inspiração. Acesse o link:

<https://www.youtube.com/watch?v=cUuKDRzs3F4>

Também, perceba o *significado de uma luz, uma direção a seguir, o caminho do bem que guia o homem na vida*, presente na música "Farol" - de Vitor Kley.

Para assistir o vídeo, acesse o link: <https://www.vagalume.com.br/vitor-kley/farol.html>

Inúmeros são os faróis localizados na costa brasileira. O Farol da Laje de Santos está localizado em um dos melhores pontos de mergulho do país, em uma região célebre pela passagem constante de golfinhos e baleias. Inaugurado em 1919 e reformado em 1931, fica a cerca de 20 milhas (mais ou menos 32Km) do porto de Santos.





Farol da Lage de Santos

Mas, o mais antigo farol do nosso litoral é o da Ilha da Moela, inaugurado em 31 de julho de 1830, que se prolonga de Norte a Sul, à entrada da baía de Santos, e que é visível do Guarujá. Sua iluminação foi realizada durante décadas com candeeiros à base de óleo de baleia. Foi o primeiro farol a ser instalado nas costas do Estado de São Paulo.



Vista aérea da legendária Ilha da Moela, à entrada da baía de Santos



Em Santos, os Faróis se integraram à memória da cidade.



Farol da Ponta da Praia (inativo)



Farol do Boqueirão (inativo)

Erguido nos anos 60 para orientar os navegantes na entrada do Porto de Santos, o Farol do Canal 6 marcou a paisagem da Ponta da Praia por décadas.

Obsoleto depois da adoção de novas tecnologias, começou a ser demolido em 2009, processo interrompido após uma ação popular na Justiça. Por reconhecer sua importância sentimental para a cidade, o movimento Volta Farol defendeu sua reconstrução.

Referências:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Farol>

<https://www.instigatorium.com/como-foi-construido-o-farol-de-kereon-na-franca-fotos/>

<https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/glendasnm.htm>

<https://vejasp.abril.com.br/cidades/movimento-pede-reconstrucao-de-farol-em-santos/>

<https://www.brasilmergulho.com/farol-da-laje-de-santos-e-sua-historia/>

<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/interpretacao-da-obra-o-farol-de-anita-malfatti/>

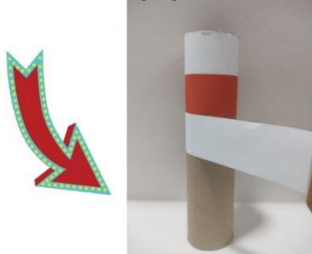
Atividades:

A partir da observação de imagens de faróis, desenhe, cole, pinte, utilizando materiais disponíveis para se expressar. (1/2 folha)

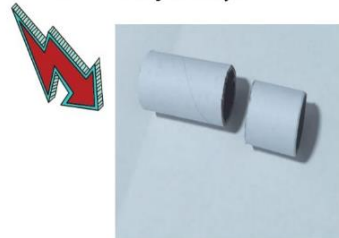
2) A construção de um farol. Vocês irão seguir a um tutorial e ao final faremos uma exposição. Abaixo segue o material a ser utilizado.



1- Cole as tiras recortadas intercalando vermelhas e brancas no rolo de papel toalha.



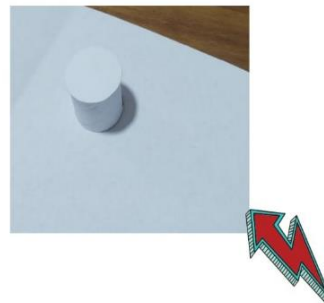
3- Corte em 3 partes um rolinho de papel higiênico e reserve um pedaço.



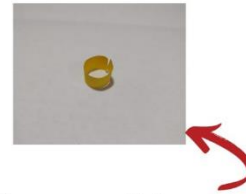
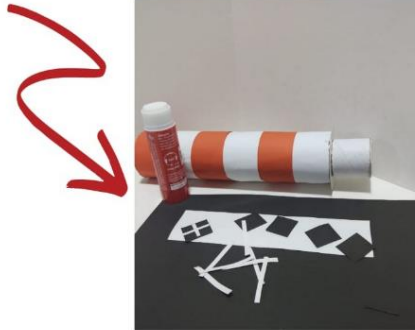
2- Em seguida corte um círculo um pouco maior que a base do rolo de papel e cole.



4- Forre com papel branco e cole em cima da base.

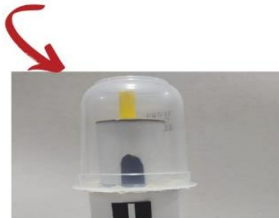


5- Recorte pequenos retângulos de papel preto de 2,5cm X 2,0 cm e tiras de branco , criando janelinhas e colando no rolo de papel.



6- Faça um rolinho com pedacinho de papel amarelo e cole na base .

7- encaixe um copo descartável junto ao rolinho menor.



**8- para finalizar
nosso FAROL forre
uma caixa de papelão
e cole como base e....
pronto!**



ATENÇÃO: As atividades deste roteiro devem ser realizadas no Caderno de Arte, que será o lugar onde você deve arquivar registros físicos de suas expressões artísticas. Quem ainda não tem caderno, deve usar folhas de papel, que depois serão coladas em caderno sem pauta, mantendo-se a ordem dos roteiros. Envie fotos das atividades realizadas (com nome e número), no grupo de Arte da sua classe no WhatsApp, e-mails, onde também devem ser apresentadas todas as suas dúvidas. Usaremos, também, o Google Classroom para nos comunicarmos e para o envio de tarefas.

EDUCAÇÃO FÍSICA: PROFESSOR RENAO MARTINI.

Canoa polinésia

Canoa polinésia é o nome genérico dado à **embarcação** de origem **polinésia** que tem como peculiaridade um segundo **casco** que serve de estabilizador, permitindo que mantenha sua velocidade sem comprometer a sua **estabilidade**. Esta denominação genérica é adotada para definir as canoas tradicionalmente utilizadas na região do triângulo polinésio. Também chamadas de **Canoa Havaiana**, Wa'a, Va'a, Outrigger, essas embarcações foram muito importantes para o processo de colonização daquela região. A **Polinésia** é um conjunto de ilhas no **Oceano Pacífico**, entre a **Austrália** e os **Estados Unidos**, do qual fazem parte o arquipélago do **Havaí** e o **Taiti** (que por sua vez faz parte da **Polinésia Francesa**).



Canoa polinésia tradicional.



Dois nativos em uma canoa polinésia tradicional à beira-mar em Honolulu

Devido às características propícias, os habitantes de toda aquela região utilizavam as canoas como meio de transporte entre as ilhas. Cada região (ilha ou **arquipélago**) acabou desenvolvendo suas embarcações de acordo com as características locais. No Havaí, por exemplo, onde o mar é mais agitado, as canoas têm uma curva de fundo envergada, enquanto que no Taiti as embarcações possuem formato mais alongado, com um cockpit fechado para cada um ou dois remadores, dependendo do modelo. Todas têm em comum as três partes fundamentais neste tipo de embarcação: o casco (ou hull), o flutuador (ou ama) e os braços que ligam

História



Canoa Polinésia no Brasil

A colonização das Ilhas Polinésias - Taíti, Hawaii, Aotearoa (Nova Zelândia), Rapa Nui (Ilha de Páscoa) - considerada por muitos como uma das maiores aventuras da humanidade, se iniciou com a utilização das Canoas Polinésias, ou Va'a (nome tradicional das canoas) há aproximadamente 10.000 anos[1]. Eram canoas enormes e muito rústicas, sempre unidas entre enormes troncos de madeira e amarrações feitas com fibras e técnicas daquela época.

Também conhecidas como Canoas Havaianas, Outriggers, wa'a ou va'a (nome pelo qual são conhecidas internacionalmente), elas foram usadas como meio de transporte na Polinésia, sendo responsáveis pela colonização das ilhas do Pacífico. Os barcos eram extremamente simples, funcionais e versáteis. Feitos com ferramentas rudimentares de pedras, ossos e corais, dois grandes pedaços de árvore eram unidos e ganhavam uma vela central, feitas de fibra de coco. Grandes distâncias percorridas em mar aberto fizeram com que tal embarcação se tornasse mística e sagrada para estes povos, pois naquela época, as guarnições se aventuravam no mar em busca de novas ilhas e seus familiares quase sempre não obtinham notícias nem tinham certeza do êxito e se estes pioneiros tinham ou não alcançado ilhas com terras melhores.

Munidos de muita água, frutas, cocos e outros tipos de alimentos, eles se aventuravam em viagens guiadas pelas aves e na direção das correntezas marítimas e para onde o vento soprava. Foi provavelmente com este tipo de embarcação que a humanidade começou a migrar pelo planeta, descobrindo novas terras e estabelecendo novas civilizações. Foi assim há aproximadamente 3.000 mil anos atrás que o Hawaii foi descoberto. Outros barcos menores, com apenas um casco (um tronco) eram utilizados em travessias menores e transporte local. Eram as famosas canoas, que até os dias de hoje são utilizadas nos mares da Polinésia.



Outrigger Camiguin Philippines

Como os Polinésios não utilizavam a escrita para se comunicarem, o extenso conhecimento de navegação astronômica era passado de geração em geração. As crianças mais aptas eram escolhidas para receber os ensinamentos junto a natureza, sobre os ventos e correntes, o voo das aves, das passagens nos recifes e se dedicavam ao mar para sempre. As canoas eram parte essencial na vida destas civilizações que habitaram toda a extensão do triângulo da Polinésia como Malásia, Papua Nova Guiné, Indonésia, Filipinas, Austrália e Sudeste Asiático, mas também existem relatos de Madagascar, onde uma canoa muito similar era utilizada pelos nativos para a pesca e expedição, são regiões onde muito mais tarde surgiram as canoas e civilizações, tornando-as um instrumento sócio-cultural inigualável da cultura do Pacífico. Em respeito à história dessa embarcação, vários rituais e tradições são mantidos até hoje.

Os construtores de canoas escolhiam seus discípulos, e desde crianças escolhiam a árvore na floresta e por toda uma vida a cultivavam e reverenciavam-na, até

o momento em que os deuses da natureza e da sabedoria lhe davam o sinal, e mais uma canoa era construída, o que a tornou um ícone sagrado e respeitado, pois com a canoa migravam e pescavam. O construtor de canoas era considerado sagrado na tribo era ele que escolhia a árvore para fabricar mais uma canoa. Nada era mais importante para aquelas tribos do que a canoa, era com ela que iam pescar para sobreviver e com ela se locomoviam.

Com a ocupação européia, em especial no Havaí a partir de 1820, o esporte teve seu destino quase que sepultado. Após longo período onde os remos foram substituídos por bíblias, em 1876 o esporte foi restabelecido e em 1908 foi fundado o primeiro clube de canoas havaianas no Havaí. Na década de 70 o esporte é introduzido na Austrália e atualmente encontra-se difundido em todo o mundo contando com aproximadamente 25.000 adeptos. No Brasil a difusão do esporte teve início em 2000 a partir de núcleos no Rio de Janeiro, São Paulo e Santos. A primeira canoa polinésia na [América do Sul](#) foi trazida pelo brasileiro [Ronald Zander Willians](#), em 2000 que fundou o Rio Va'a Clube (Outrigger Rio Clube), no Rio de Janeiro, em 22 de novembro de 2010 (data do batismo da canoa na Lagoa Marapendi, na Barra da Tijuca). A canoa de 13,8 metros, batizada de *Lanakila* ("vencedora" ou "conquistadora" em havaiano), serviu de molde para a fabricação das demais canoas do gênero, inclusive a primeira canoa a ser introduzida na [Argentina](#).^[2] Vários clubes foram criados desde a virada do século.

Canoa polinésia como esporte

Apesar da origem ligada ao transporte entre ilhas, as canoas têm sido utilizadas ao longo dos séculos para competições. Uma conhecida máxima poderia ser traduzida como "competições de canoa existiram desde sempre, bastando que houvesse pelo menos duas canoas" ("Canoe racing has been around as long as there have been 2 canoes.").

No Brasil as canoas polinésias têm sido utilizadas para a prática de esportes e ecoturismo, normalmente em clubes que promovem e incentivam a prática, tendo em seus quadros remadores de diferentes perfis, de modo a preservar o caráter agregador próprio da cultura e das tradições polinésias. A atividade tem dividido espaço com o Stand Up Paddle, pois embora diferentes, ambos têm em comum o uso do remo, a cultura do surf, as tradições e elementos culturais do havaí e do triângulo polinésio de modo geral. Na canoagem havaiana o trabalho em equipe e o espírito de grupo, o pertencimento são mais marcantes, mas existem canoas de pequeno porte para a remada individual (OC1) ou em dupla (OC2).

Atualmente, no Brasil, o esporte é regulamentado pela Associação da Comissão Brasileira de Va'a (CBVAA) que segue os regulamentos da Federação Internacional de Va'a (FIV).

Técnica de remada

A técnica de remada evoluiu bastante ao longo do tempo, e pode variar de acordo com a região onde é praticada. Em essência, são reconhecidos dois principais estilos de remada - a técnica havaiana e a técnica taitiana - cujas diferenças são fruto do desenvolvimento técnico dos remadores e também da evolução dos modelos das canoas no Havaí'i e no Taiti, de acordo com as características do mar em cada uma das regiões.

Em linhas gerais, a técnica de remada havaiana envolve 3 etapas^[3]: alcance, puxada e recuperação. O alcance, com braços esticados e levados à frente do corpo, girando o tronco como a dar costas para a água. O remador deve se posicionar de cabeça erguida, olhando para a frente, e seguir o ritmo da tripulação. Os remos devem entrar e sair juntos na água, e o tempo de pá na água deve ser o mesmo para todos os remadores. A puxada deve ser firme e com sincronia. A entrada do remo na água deve ser precisa, com a mão de cima imprimindo a força necessária para afundar totalmente a pá na água, enquanto a mão de baixo deve segurar o cabo do remo pouco antes da pá, guiando o remo para trás à medida em que o giro do tronco se desfaz. Na etapa de recuperação, o remador deve utilizar mão de cima, mão de baixo, ombro e costas para tirar a pá da água e buscar novamente o alcance máximo para repetição do movimento.

À primeira vista tem-se a impressão de que as pernas não são utilizadas durante a remada, mas na realidade elas têm um papel fundamental. Uma das pernas deve

estar ligeiramente à frente, firmada no fundo da canoa, fazendo um movimento para frente semelhante ao que se faz na prancha de um skate.

Modelos de canoas

Os principais modelos de canoas são OC-6 e V-6, muitas vezes referidas de forma equivocada como se fossem a mesma embarcação. A OC-6 é a canoa polinésia para 6 pessoas originada das embarcações utilizadas nas ilhas que compõem o arquipélago do Hawa'i. A V-6 é o modelo de canoa para 6 pessoas utilizada no Taiti e toda a Polinésia Francesa, bem como nas regiões que praticam o esporte sob influência daquela região. OC remete à expressão em inglês "Outrigger Canoe", largamente utilizada no Hawa'i, enquanto que "V" deriva de Va'a, nomenclatura das canoas no idioma polinésio.

Além das canoas de 6 remadores, são bastante utilizadas as canoas de 4 pessoas, sobretudo no modelo OC-4, utilizado para surf de canoa no Hawa'i (Outrigger Surf), as OC-2, as V-3, as OC-1 (individuais com leme) e V1 (individuais sem leme).

Atividade de Educação Física

Após leitura do texto, responda as questões abaixo:

1. Onde surgiram as primeiras canoas e com qual finalidade eram usadas?
2. Como essas canoas chegaram ao Brasil e como são utilizadas aqui em nosso país?
3. Quais os principais modelos de canoas?

ENSINO RELIGIOSO: PROFESSORA MÁRCIA 8º A, B, C. PROFESSOR LUIZ ANTONIO: 9º A, B.

1. Ética é o conjunto de preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, pertencente a um grupo social ou a uma sociedade. A ética diz respeito aos valores que determinam a conduta social de um indivíduo. São exemplos de atitudes éticas:

- a) O respeito aos valores que sustentam a comunidade
- b) A desvalorização das relações humanas
- c) Jogar lixo em vias públicas
- d) Prejudicar colegas do trabalho ou escola

GEOGRAFIA: PROFESSORA MÁRCIA.

1) Além de " gigante pela própria natureza", os oceanos são o berço da vida na Terra e os principais responsáveis pela sua manutenção. A partir de uma colaboração científica mundial, provou-se que o ecossistema marinho abarca a maior diversidade de espécies do planeta (cerca de 220 mil). Mais surpreendente ainda é que o número de espécies desconhecidas pode ser 10 vezes maior. Através de seus conhecimentos geográfico responda a seguinte questão: acerca de 200 milhões de anos existia uma única massa continental e um único oceano que circundava esse supercontinente, esse oceano é chamado de:

- A) Okeanos
- B) Gondwana
- C) Panthalassa
- D) Pantholásia

2) Leia o texto é redonda a esta questão.

"O primeiro ponto a ser levantado em consideração é de que a Terra passa por ciclos adversos há bilhões de anos e a natureza se transforma. A partir disso, as espécies se adaptam e permanecem vivas ou extinguem. O ponto chave é que nós últimos 100 anos a espécie humana tem acelerado as mudanças no ambiente, causado malefícios em escala global e, em alguns casos, irreversíveis. Porém, a natureza já deu provas de que pode se reestruturar ao longo do tempo. Já o ser humano está fadado a desaparecer. Através da leitura do texto podemos concluir que:

- A) Que os oceanos é o menor enigma da Terra;
- B) Que a espécie humana tende a desaparecer mesmo que mudou suas atitudes com relação a natureza;

C) Que a espécie humana mudando seus hábitos hoje, tende a permanecer no planeta por muito tempo.

D) Que nos últimos 100 anos a espécie humana tem acelerado as mudanças no ambiente, causando benefícios em escalas globais.

HISTÓRIA: PROFESSOR LUIZ ANTONIO

SABER PARA NAVEGAR

Para os portugueses o mar não era só promessa de riqueza, era também perspectiva de aventura, oportunidade de conhecer novos mundos. O medo caminhava junto com a esperança, medo do desconhecido, esperança de enriquecer. O importante era ter fé no poder do homem e no progresso da ciência.

Para se lançar as grandes navegações na bastava apenas a proteção de Deus. Eram necessárias boas embarcações, precisavam de mapas mais detalhados, instrumentos de navegação mais desenvolvidos como a bússola e precisavam confiar na capacidade do homem em dominar a natureza.

Foi o desenvolvimento do Humanismo (Renascimento) que provocou o desenvolvimento das grandes navegações. Para os humanistas o homem era o centro do universo (antropocentrismo), ao contrário da mentalidade reinante nos séculos XIII e XIV, onde para a maioria das pessoas, o homem cheio de pecados deveria existir para glorificar Deus, fé valia mais que a ciência. Era todo um novo modo de ver e viver o mundo, mais de acordo com a nova economia comercial e monetária. O homem não sonhava apenas com o paraíso no céu, passou a buscar o paraíso na Terra

Leia o texto e responda

- 1- Como os portugueses viam o mar?
- 2- O que era necessário para se lançar as navegações?
- 3- Qual a visão dos humanistas sobre o homem?
- 4- Qual a mentalidade reinante nos séculos XIII e XIV?

INVESTIGAÇÃO E PESQUISA: PROFESSOR MARCELINO

O que é necessário para enxergarmos um objeto?

Para esse experimento você precisará:

- Uma camisa branca e três camisas bem coloridas de cores diferentes.

Como fazer (procedimento)

1. Em um quarto, coloque lado a lado uma camisa branca (ou bem clarinha) e uma camisa colorida. Apague a luz e saia do quarto. Conte até 30 e entre no quarto com a luz apagada. Olhe para as duas camisas e descreva como você está vendo as duas camisas.

2. Agora, guarde a camisa branca e coloque lado a lado as camisas coloridas. Apague a luz e saia do quarto. Conte até 30 e entre no quarto com a luz apagada. Olhe para as camisas e descreva como você está vendo essas camisas.

Junto com a sua descrição responda a seguinte pergunta:

- **Qual é o papel da luz para a visão?**



POEMA: MAR PORTUGUÊS

Fernando Pessoa

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu.
Mas nele é que espelhou o céu.

ATIVIDADES

01- Historicamente, Portugal se destacou por suas grandes navegações, as quais exploraram novos territórios em busca de riquezas e expansão marítima. No poema de Pessoa, em qual verso percebe-se a referência a esse fato histórico?

- a) "Por te cruzarmos, quantas mães choraram"
- b) "São lágrimas de Portugal!"
- c) "Para que fosses nosso, ó mar!"
- d) "Quantas noivas ficaram por casar"

02- Nos versos acima, nota-se que o eu lírico dirige-se a um interlocutor, ou seja, tem-se a impressão de que há uma "conversa" entre o sujeito lírico e alguém. Quem é esse "alguém" a quem se dirige o eu lírico nesse poema?

- a) as mães
- b) os filhos
- c) as noivas
- d) o mar

03- Segundo o texto, para ir sempre adiante é necessário:

- a) crer no destino.
- b) aceitar a dor.

- c) viver com alegria.
- d) vencer o sofrimento.
- e) objetivar sempre o progresso.

Agradecimento

Ao trabalho em equipe dos professores de Língua Portuguesa da UME Edmea Ladevig que se esmeraram em pesquisar conteúdos e elaborar as questões utilizadas! Professores: Fabiana, Mayra, Norma, Olívia e Sérgio.

LÍNGUA PORTUGUESA: PROFESSORA SÔNIA: 8º B. 9º B

Banhos de mar

Clarice Lispector

MEU pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife. Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes do sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente inaudito em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum. Saíamos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco: e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo. Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé. "Olhe um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras de minha família, que de vez em quando me dizia rindo: "Olhe um porco de verdade".

Passávamos por cavalos belos que esperavam de pé pelo amanhecer. Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária. No bonde mesmo começava a amanhecer. Meu coração batia forte ao nos aproximarmos de Olinda. Finalmente saltávamos e íamos andando para as cabinas pisando em terreno já de areia misturada com plantas. Mudávamos de roupa nas cabinas. E nunca um corpo desabrochou como o meu quando eu saía da cabina e sabia o que me esperava.

O mar de Olinda era muito perigoso. Davam-se alguns passos em um fundo raso e de repente caía-se num fundo de dois metros, calculo.

Outras pessoas também acreditavam em tomar banho de mar quando o sol nascia. Havia um salva-vidas que, por uma ninharia de dinheiro, levava as senhoras para o banho: abria os dois braços, e as senhoras, em cada um dos braços, agarravam o banhista para lutar contra as ondas fortíssimas do mar.

O cheiro do mar me invadia e me embriagava. As algas boiavam. Oh, bem sei que não estou transmitindo o que significavam como vida pura esses banhos em jejum, com o sol se levantando pálido ainda no horizonte. Bem sei que estou tão emocionada que não consigo escrever. O mar de Olinda era muito iodado e salgado. E eu fazia o que no futuro sempre iria fazer: com as mãos em concha, eu as mergulhava nas águas e trazia um pouco de mar até minha boca. Eu bebia diariamente o mar, de tal modo queria me unir a ele. Não demorávamos muito. O sol já se levantara todo, e meu pai tinha que trabalhar cedo. Mudávamos de roupa, e a roupa ficava impregnada de sal. Meus cabelos salgados me colavam na cabeça. Então esperávamos, ao vento, a vinda do bonde para Recife. No bonde a brisa ia secando meus cabelos duros de sal. Eu às vezes lambia meu braço para sentir sua grossura de sal e iodo.

Chegávamos em casa e só então tomávamos café. E quando eu me lembrava de que no dia seguinte o mar se repetiria para mim, eu ficava séria de tanta ventura e aventura.

Meu pai acreditava que não se devia tomar logo banho de água doce: o mar devia ficar na nossa pele por algumas horas. Era contra a minha vontade que eu tomava um chuveiro que me deixava límpida e sem o mar.

A quem devo pedir que na minha vida se repita a felicidade? Como sentir com a frescura da inocência o sol vermelho se levantar?

Nunca mais?

Nunca mais.

Nunca.

(<http://claricelispector.blogspot.com/2008/01/banhos-de-mar.html>)

QUESTÕES:

1. Leia atentamente a crônica de Clarice Lispector. Inspire-se. Depois, escreva uma crônica sobre a praia, sobre o mar.

Sugestão: relembre um instante, uma imagem, que ficaram guardados na sua memória.

2. Qual substantivo, qual palavra, usamos quando nos referimos ao "O **cheiro do mar** me invadia"...

3. Analise o terceiro parágrafo. Quais são os verbos?

Responda segundo o modelo a seguir:

VERBO – TEXTO	MODO INDICATIVO	TEMPO	CONJUGAÇÃO
Dormir	Dormir	----- (*)	terceira
la	?	?	?
Mantinha	Manter	Pretérito imperfeito	segunda

Observação: (*) quando o verbo está no modo indicativo ele não tem tempo; (?) significa que você deve completar.

4. Quais adjetivos a narradora utiliza para definir o mar de Olinda? QUESTÕES:

MATEMÁTICA: PROFESSORA JUREMA DOS SANTOS: 8º A, B, C.

Resolva as atividades no caderno com capricho e de forma legível, escrevendo seus nomes e números e envie por foto no grupo whatsapp ou Google Classroom, os que não puderem enviar retire na UME as atividades impressas.

Seguindo o livro CURRÍCULO EM AÇÃO.

LEIA COM ATENÇÃO OS CONTEÚDOS EXPOSTOS ANTES DE RESPONDER ÀS QUESTÕES.
Bons Estudos!

ATIVIDADE 4 – NA PRÁTICA...POTÊNCIAS E RAÍZES

Já vimos em aulas passadas sobre potências e raízes, suas propriedades, a relação entre elas e regras a serem utilizadas.

Nos estudos de potências, estudamos inúmeras propriedades acerca dos expoentes. Estudaremos os expoentes fracionários, a fim de compreender o verdadeiro significado destes expoentes, quando escritos em forma de frações. Façamos nosso estudo partindo de um número qualquer:

$$a^{\frac{1}{2}}$$

Podemos escrever este número em forma de uma raiz quadrada (pois o denominador da fração é 2).

$$a^{\frac{1}{2}} = \sqrt[2]{a}$$

Com isso você deve estar se perguntando, e o número 1 que está no numerador? Ele está presente no expoente do número (a), entretanto não existe a necessidade de escrevê-lo. Tendo um número em uma raiz, podemos realizar o processo inverso também, escrevendo-o como um número com potência fracionária.

$$\sqrt[3]{a^4} = a^{\frac{4}{3}}$$

Note que quando escrevemos um número com potência fracionária, teremos a seguinte propriedade:

O numerador da potência corresponde ao expoente do número que está na base. O denominador da potência corresponde ao grau da raiz. No nosso caso é uma raiz de grau 3 (raiz cúbica). Poderia ser de grau 2 (ao quadrado).

Fazer essa transformação de um número em uma raiz para um número com potência fracionária nos auxilia quando queremos multiplicar números de mesma base, porém em raízes de graus diferentes.

Prestem atenção no exemplo:

$$\sqrt[3]{5^2} \cdot \sqrt[2]{5}$$

Faremos a transformação de cada uma dessas radiciações para números com potência fracionária e depois disso efetuamos a multiplicação desses números.

$$\begin{aligned}\sqrt[3]{5^2} &= 5^{\frac{2}{3}} \\ \sqrt[2]{5} &= 5^{\frac{1}{2}}\end{aligned}$$

Agora podemos realizar a multiplicação dos números que possuem mesma base:

$$5^{\frac{2}{3}} \cdot 5^{\frac{1}{2}} = 5^{\frac{2}{3} + \frac{1}{2}} = 5^{\frac{7}{6}}$$

Se quisermos escrever este número em forma de radiciação, teremos:

$$5^{\frac{7}{6}} = \sqrt[6]{5^7}$$

Podemos simplificar números elevados ao quadrado que estão dentro de uma raiz quadrada, pois o numerador e denominador são iguais. Vejamos alguns exemplos:

$$\begin{aligned}\sqrt{16^2} &= 16^{\frac{2}{2}} = 16^1 = 16 \\ \sqrt[3]{27} &= \sqrt[3]{3^3} = 3^{\frac{3}{3}} = 3^1 = 3 \\ \sqrt{16} &= \sqrt{2^4} = 2^{\frac{4}{2}} = 2^2\end{aligned}$$

Podemos transformar a raiz em potência fracionária e vice-versa. transformar a raiz em potência fracionária e vice-versa.

$$\sqrt[m]{a^n} = a^{\frac{n}{m}}$$

$$a^{\frac{n}{m}} = \sqrt[m]{a^n}$$

Da mesma forma que:

Ao lidar com radicandos maiores, podem surgir dúvidas, pois o valor da raiz não aparecerá tão facilmente. Para situações como essas, devemos utilizar o processo de fatoração para obter a raiz. Vale lembrar que na fatoração há um número que deve ser dividido pelo menor número primo possível sucessivas vezes até que o quociente seja um.

número primo

Número inteiro que pode ser dividido apenas por um (1) e por ele mesmo;

primo: alguns exemplos de números primos são 1, 2, 3, 5, 7, 11 e 13.

Diz-se desse número: o número 2 só pode ser dividido por 1 e por ele mesmo, por isso é número primo.

I Dicio.com.br

Vejamos como encontrar a raiz quadrada de **729**:

$$\begin{array}{r|l}
 729 & 3 \\
 = & \\
 243 & 3 \\
 = & \\
 81 & 3 \\
 = & \\
 27 & 3 \\
 = & \\
 9 & 3 \\
 = & \\
 3 & 3 \\
 = & \\
 1 &
 \end{array}
 \begin{array}{l}
 3^2 \\
 \\
 3^2 \\
 \\
 3^2 \\
 \\
 3^2 \\
 \\
 3^2
 \end{array}$$

$$\sqrt[2]{729} = \sqrt[2]{3^2 \cdot 3^2 \cdot 3^2} = 3 \cdot 3 \cdot 3 = 27$$

$$\sqrt[2]{729} = 27$$

Veja abaixo o passo a passo da fatoração do número 729

Nessa fatoração, começamos com o número do radicando, o **729**,   esquerda.   direita, colocamos o menor primo que o dividir . Novamente, à esquerda, coloca-se o número do quociente da divisão e repete-se esse processo até que o quociente seja **1**. Como estamos procurando o resultado de uma raiz cujo  ndice é **2**, agrupamos os números da direita em potências de expoente **2**. Em seguida, colocamos essa multiplicação de potências dentro do radical, e aqueles números cujo expoente é o mesmo do  ndice da raiz podem sair do radical sem o expoente.

Vejamos outros exemplos:

$$\begin{array}{r|l}
 144 & 2 \\
 72 & 2 \\
 36 & 2 \\
 18 & 2 \\
 9 & 3 \\
 3 & 3 \\
 1 &
 \end{array}
 \begin{array}{l}
 2^2 \\
 2^2 \\
 2^2 \\
 2^2 \\
 3^2 \\
 3^2
 \end{array}$$

$$\sqrt[2]{144} = \sqrt[2]{2^2 \cdot 2^2 \cdot 3^2} = 2 \cdot 2 \cdot 3 = 12$$

$$\sqrt[2]{144} = 12$$

$$\begin{array}{r|l}
 256 & 2 \\
 128 & 2 \\
 64 & 2 \\
 32 & 2 \\
 16 & 2 \\
 8 & 2 \\
 4 & 2 \\
 2 & 2 \\
 1 &
 \end{array}
 \begin{array}{l}
 2^4 \\
 2^4 \\
 2^4 \\
 2^4 \\
 2^4 \\
 2^4 \\
 2^4 \\
 2^4
 \end{array}$$

$$\sqrt[4]{256} = \sqrt[4]{2^4 \cdot 2^4} = 2 \cdot 2 = 4$$

$$\sqrt[4]{256} = 4$$

$$\begin{array}{r|l}
 125 & 5 \\
 25 & 5 \\
 5 & 5 \\
 1 &
 \end{array}
 \begin{array}{l}
 5^3 \\
 5^3 \\
 5^3
 \end{array}$$

$$\sqrt[3]{125} = \sqrt[3]{5^3} = 5$$

$$\sqrt[3]{125} = 5$$

**Resolva em seu caderno do livro CURRÍCULO EM AÇÃO, pág. 135 -
Atividade 4 - exercícios 4.1 e 4.2 e da pag. 136, o exercício 4.3 .**

ATIVIDADE 1 - A CONSTRUÇÃO DA MEDIATRIZ

Para essas atividades precisará de régua, compasso e lápis.

Faça essas atividades em folha sulfite, caso não tenha faça na folha de caderno, mas lembre-se limpo, caprichado e legível.

Leia no livro currículo em ação na página 141 e 142, o passo a passo da construção de mediatriz e bissetriz.

Veja o video explicativo, link abaixo: construção da mediatriz <https://youtu.be/gjwjMg5DFHw>

Veja o video explicativo, link abaixo: construção de bissetriz <https://youtu.be/JyCaEM4SI20>

Faça o exercício 1.1 da pág. 142 e o 2.1 da pág. 142